

# EUROPEÍSMO E “SOBERANIA COMPLEXA”: UMA ABORDAGEM SINTÉTICA A PARTIR DO PENSAMENTO DE PETER SLOTERDIJK<sup>1</sup>

*Orlando Coutinho<sup>2</sup>*

*Membro Associado do Observatório Político*

## **Resumo**

A “Soberania” como princípio político permite fazer a discussão da Europa que temos hoje: a(s) soberania(s) de si complexa(s) se atendermos aos vários níveis de “poligovernança” inscritos na União Europeia, bem como as questões a montante da soberania como sejam a identidade - não só nacional dos países constituintes da União, mas se existe uma perceção de pertença multinível agregada a um quadro de partilha com os restantes parceiros europeus - e se sim, até que ponto a cidadania, também ela, não poderá ser discutida num contexto pós-nacional i.e. cosmopolita<sup>3</sup>. O Brexit, adensou a necessidade deste debate. A pretexto de uma pequena obra do filósofo alemão Peter Sloterdijk, estaremos em condições de fazer o ponto de partida para esta discussão.

## **Palavras-Chave**

soberania; Europa; Brexit; filosofia política.

---

<sup>1</sup> Sloterdijk, P. (2008). *Se a Europa acordar: reflexões sobre o programa duma potência mundial no termo da sua ausência política*. Relógio d'Água Ed..

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia Política na Universidade do Minho e membro associado do Observatório Político. Interesses de investigação: teoria política; sistemas de poder; partidos; ideologias; elites e movimentos sociais; defesa e segurança; religiões.

<sup>3</sup> Rocha, A. D. S. E. (2005). A paz e a Europa cosmopolita: "varietas delectat". Filosofia Unisinos

## **Introdução**

A Europa enquanto geografia e na sua extensão sociopolítica tem uma longa tradição histórica, milenar, que poderia ser vista de diversos ângulos e com uma análise densa quanto à finalidade proposta, já que, os ensaios de uma Europa unida e soberana vêm de longe tendo havido um epicentro desta “experimentação política” no Império Romano. Entendi, contudo, que uma melhor abordagem a este tema merecia uma obra que pudesse, muito sinteticamente, fazer uma análise retrospectiva, analítica do presente e também prospetiva já que, parece entendimento geral, será necessário uma definição quanto ao futuro da construção europeia e o seu posicionamento cultural, económico e geopolítico, sobretudo após a saída do Reino Unido que ainda tem por definir esses contornos. Um Texto que também ele se constituísse como “motor de busca” para outras leituras, já que o tema tem a amplitude analogamente paralela do Atlântico aos Urais.

Peter Sloterdijk, filósofo alemão, pela sua origem de pensamento antropológico – filosófico, tem trazido à academia um conjunto de reflexões que nos “confrontam ao espelho” e obrigam a transformações de raciocínio e a ponderações sobre aspetos “humanos” fundamentais<sup>4</sup>. Trouxe também um texto que, servindo de mote a este Working Paper, agrupa um conjunto de ideias a ter em conta na discussão da Europa e do seu futuro.

Se a Europa Acordar Reflexões sobre o Programa duma Potência Mundial no Termo da sua Ausência Política, o livro em análise, na sua edição portuguesa, está dividido em seis capítulos e uma entrevista sobre os quais diligenciarei um olhar analítico próprio, por estas mesmas partes, trazendo à colação a matriz essencial proposta nesta reflexão: a soberania.

No epílogo do trabalho não me furtarei a dar uma visão pessoal, sintética e circunstanciada em jeito de conclusão.

## **Desenvolvimento**

A “vetusta” Europa de hoje tem um código m código genético ancestral. Passou pela turbulência de invasões, ensaiou impérios balizados pelo Atlântico e Mediterrâneo antes de aventurar-se noutros, fundou a História, a Geografia, a Filosofia e as Artes, iniciou os caminhos da Democracia, do Estado e do Direito, descobriu “novos mundos”, promoveu revoluções – sociais, industriais e culturais, liderou o mundo, até que, na primeira metade do século XX, se constituiu como epicentro de sismos bélicos que ainda

---

<sup>4</sup> Sloterdijk, P. (2000). *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Estação Liberdade.

hoje marcam a Humanidade: as duas grandes guerras. Esta recente fatalidade que impregnou a Europa de receios de afirmação, como se verá na análise do texto proposto, coloca-a ante o dilema actual do <<E agora?>> já que o projecto de paz, de reconstrução, de dinamismo económico e de aproximação política parece ter chegado à “encruzilhada” onde as duas vias em “sorte” apontam para um regresso às autonomias nacionais, como “preferiu” o Reino Unido, ou um reforço “confederal” que suprima o impasse na definição de um rumo e que devolva ao “velho continente” a liderança de outrora.

Sloterdijk traz-nos, com este opúsculo, um conjunto de reflexões de cariz “terapêutico”, já que a cicatrização das feridas trazidas pelos dois maiores conflitos armados da História, significou – durante muito tempo – uma divisão de tipo binário, no seu coração, entre o capitalismo e o comunismo. Este dualismo, cujo ritmo compassado a batuta da Europa não maestrou, impediu-a de sonhar. Contudo os tempos atuais impelem-na para uma maioria onde as escolhas são imperativas e responsabilizantes, uma vez que – delas – se determinará o papel que, no futuro cenário geopolítico, ocupará. Tanto mais agora, que o cenário político internacional aponta para uma Rússia hegemónica e uns EUA imprevisíveis com a administração de Donald Trump.

O autor põe a Europa ao espelho, o que nem sempre é meigo quando o objectivo é catarsear traumas passados e impulsionar nova vida, contudo a dinâmica analítica que cria é geradora de esperança que está patenteada, desde logo, na capa do Livro que nos convoca para a génese da Europa. De facto, a escolha do L'éléphant Célèbes de Max Ernst, transporta-nos ao fundamental da mitologia – ingrediente indispensável na concepção de um nado vivo filosófico – cultural e político. Sem dissecar com minudência esta obra-prima que, entre outras, marcou a passagem de Ernest do dadaísmo para o surrealismo<sup>5</sup>, aponto a figura do nu, que no caso - pode ter uma conotação mitológica, sugerindo o rapto de Europa por Zeus, disfarçado como touro, origem indissociável da imagética do nascimento deste conceito muito mais do que geográfico<sup>6</sup>. E não há advento que não seja revigorante, esperançoso e único, sobretudo quando, em retrospectiva, somos capazes de ver que deste continente emergiu, apesar das agruras, do melhor que a Humanidade foi capaz.

É, portanto, com este espírito, cuja razão – eminentemente académica - assume papel central, que a obra de Sloterdijk pode ser examinada.

---

<sup>5</sup> Lippard, L. R. (1973). Max Ernst: Passed and Pressing Tensions. *Art Journal*, 33(1), 12-17.

<sup>6</sup> Rocha, A.D.S.E. (1992). *Pregnância lógica dos mitos: A via original de Lévi-Strauss. Revista Portuguesa de Filosofia*, 511-550.

No início do seu argumentário, o autor, batiza o primeiro capítulo com uma expressão – O Império do Meio – que é geralmente imputada à civilização Chinesa, que acreditava, na Dinastia de de Han 206 a.c. – 220 D.C., ser o “Centro do Mundo” dado o seu desenvolvimento civilizacional<sup>7</sup>. Também a Europa se revia nesta “centralidade” desde o Império Carolíngio<sup>8</sup>, passando pela “cultura imperial Greco – Romana” reforçada, mais tarde, com os Impérios Coloniais na América, África e Oriente donde teve um desejo Imperial materializado, sobretudo, no Império Romano. Mas mormente desde os Descobrimentos (até 1945), que os habitantes deste continente se afirmam na liderança geopolítica mundial como o verdadeiro “Centro do Mundo” - política, cultural e economicamente. Esta disputa pela centralidade do Mundo é até sedimentada na representação iconográfica da própria Geografia. Quando os mapas só representavam o até então conhecido, lá aprecia a Europa, pelos seus, numa figuração central face aos demais, ou seja, o tal Império do Meio, que justifica o título deste enceto e nos inicia na “viagem” histórico filosófica europeia, na visão do autor, até aos dias de hoje, mas que se afirma, claramente e “ab initio” com uma estrutura liderante.

Mas há uma marca indelével que, por mais milénios que passem, ficará para sempre cicatrizado no “corpus político” da Europa: as guerras, sobretudo, a segunda grande Guerra. Um momento trágico que as democracias europeias não foram capazes de sorver ante um populismo alicerçado ideologicamente em diferentes tipos de totalitarismo que sequestraram a Europa quase até meados do século XX.

Sloterdijck faz, neste segundo capítulo, a que designa Absurdo, Frivolidade, Ausência: aspetos do vazio europeu (1945 – 1990), o retrato psico-político do pós II Grande Guerra Mundial, afirmando que os libertadores da Europa (EUA e URSS) foram seguidamente os seus “encarcerantes” na medida em que dividiram a Europa em duas realidades (ocidente e leste)<sup>9</sup>resgatando a possibilidade de auto – afirmação, vivendo, como designa na <<visão do mundo como tenaz>>. É neste contexto que atesta ter começado a ideologia do vazio, com uma tentativa insurgimento tímida na geração estudantil de 60<sup>10</sup>, que não impediu o prolongamento desse vazio, conduzindo-o até à frivolidade. Reforça, reiteradamente, a convicção da “ideologia do vazio” alicerçada pelo contexto cultural da época até aos finais do século passado.

---

<sup>7</sup> Marchionatti, W. (2013). *China: velho e novo império*. EDIPUCRS.

<sup>8</sup> Depreux, P. (2007). *Charlemagne: Et la dynastie carolingienne*. Editions Tallandier.

<sup>9</sup> Lewis Gaddis, J. (2005). *The Cold War: A New History*. Penguin.

<sup>10</sup> Zappa, R., & Soto, E. (2011). *1968: eles só queriam mudar o mundo*. Zahar.

Mas os Europeus não se conformaram com a “ideologia do vácuo” enunciada no capítulo anterior, entendendo-a como uma espécie de férias. Teriam, pois, de buscar o “conjunto de máximos” invocado no título (Conjunto de máximos: a fórmula da intensidade neo-europeia) ao jeito do que descrevera o filósofo simbolista Paul Valéry <sup>11</sup> criando, como diz, uma fórmula de intensidade neo – europeia. Reclama de seguida o regurgitar da Europa. Para dizer que – poder-se-á, até certo ponto, olhar para as “tenazes” Russa e Americana como o experimentalismo exacerbado do que era o modelo europeu até então. Clama até que a Guerra Fria é o reflexo ampliado dessa intensificação ao estilo europeu. Para que, em 1989, com a queda do Bloco Soviético<sup>12</sup>, se abrisse de novo espaço a um processo de liderança da Europa, dando como certo - de que este conjunto de máximos intensificado é, até ver, a proeminência dos sistemas políticos no geral.

Mas a mudança de paradigma para uma afirmação europeia no cenário geopolítico global ter-se-á de fazer depois da “cura” ou cicatrização das feridas passadas bem assim como um impulso em movimento a que o filósofo convoca dois conceitos definidores - *Translatio Imperii* e mito – motricidade - para no fundo definir a capacidade multiplicadora da Europa, por um lado, e por outro achar um mínimo comum identitário. Quanto ao *Translatio Imperii* define-o detalhadamente ao longo do capítulo, deixando a definição de mito – motricidade como originária de Jan Assman a florada em diversas obras<sup>13</sup>; esta seria um mecanismo por meio do qual se poderiam tornar plausíveis e coerentes os laços formadores de determinadas “culturas nacionais”. Esse instrumento formar-se-ia através de histórias (Mythos)<sup>14</sup> fundadoras de identidades nacionais. Mas é aqui que se colocam, verdadeiramente, as primeiras problematizações “soberanísticas”. Para haver um Estado, tem de existir: um povo, um território e um poder político<sup>15</sup>. Indo mais longe para afirmar que o conceito de nação advém de imagéticas e simbologias culturais “unitárias”<sup>16</sup>, ora a Europa vê esse processo com dificuldade se quiser olhar-se unitariamente sem o polvilhado tempero das nações que lhe dão forma. E aos que acham que a Europa é uma na diversidade, critica-os, na exata medida em que tal não deixa espaço a avanços, sejam eles quais forem, do atual modelo. Deixa, por isso, as questões necessárias para encontrar a verdadeira resposta, concluindo em jeito de desafio, mas aumentando o “suspense” para os capítulos seguintes.

---

<sup>11</sup> Valéry, P.(2005). *La crise de l'esprit*. Chicoutimi

<sup>12</sup> Boettke, P. J. (2002). *Why perestroika failed*. Routledge.

<sup>13</sup> Assmann, J. (2008). *Religión y memoria cultural: diez estudios*. Ediciones Lilmod.

<sup>14</sup> Lourenço, E., & de Matos, E. (2001). *A Europa desencantada: para uma mitologia europeia*. Visão

<sup>15</sup> Fontes, J. (2014). *Teoria geral do estado e do direito*. Coimbra Editora.

<sup>16</sup> Sobral, J. M. (2003). A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português. *Análise Social*, 1093-1126. Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

A partir do capítulo cinco - Do Império à União: a atual transferência do império - o autor estabelece as bases das quais a Europa tem de partir para a sua (re) transformação como Centro geopolítico. Adivinhando uma tarefa árdua, lança o mote com a célebre proposição Nietzscheziana <<acabou o tempo da pequena política: já o próximo século trará a luta pela dominação universal>>. <sup>17</sup>

Voltando à crítica do vazio político, pela indefinição, exemplifica a fragilidade da organização europeia com a Guerra na Ex- Jugoslávia<sup>18</sup>, para depois dar pistas para o que chama de metamorfose, sendo assertivo nessa asserção.

Pegando no pensamento do historiador francês Jacques Le Goff <<A Europa tem hoje de inventar uma forma de unidade diferente do Império>>, <sup>19</sup> lança ideias para os novos paradigmas de pensamento pela formulação que dá título à obra: Se a Europa acordar e focaliza a importância do humano e da verdade neste contexto. Induz a sua formulação sobre os passos que deverão ser percorridos deixando margem para que do ponto de vista da “praxis política” mais “terrena” esta operacionalização seja definida nas ágoras próprias.

Já na entrevista concedida ao jornal Expresso de 24/03/07, conduzida por António Guerreiro, o filósofo, sobrevoa os aspetos principais da obra fazendo a destrição do seu discurso àquele que se poderia assemelhar ao de Oswald Spengler que já no início do século XX ensaiava, entre outros autores, um declínio do designado mundo ocidental<sup>20</sup>. Faz ainda uma incursão pela Biopolítica, embora alimente a polémica de a datar cronologicamente antes do que academicamente se convencionava, indo até a uma “tradução” mais demográfica no sentido de a Europa necessitar de rejuvenescimento.

## Conclusão

Em súpula, o livro faz o diagnóstico, que se mantém atual da Europa dos nossos dias. Põe o espaço político no “divã” deixando que a história fale por ele para depois apontar a “enfermidade” e a terapêutica inicial para desabrochar da <<melancolia>> que o autor diz em que a Europa se encontra. Aponta questões essenciais de soberania, organização e modelo futuro para que a Europa se assuma, de novo, como “Centro Geopolítico”.

---

<sup>17</sup> Nietzsche, F. (2012). *Além do bem e do mal*. Editora Companhia das Letras.

<sup>18</sup> Radan, P. (2004). *The break-up of Yugoslavia and international law*. Routledge.

<sup>19</sup> Le Goff, J. (2013). *La vieille Europe et la nôtre*. Seuil.

<sup>20</sup> Spengler, O. (1973). *O declínio do Ocidente*. Zahar



De facto, a Europa tem um longo caminho de afirmação pela frente. No enclave da potência dominadora americana, agora inebriante, e das (re)“emergências” orientais Rússia, China e Índia, tendo o “médio oriente” – leia-se Turquia - como vizinho de porta, a Europa enfrenta desafios colossais para assumir um novo relevo nas relações internacionais. O emaranhado jurídico-político em que se encontra<sup>21</sup> acarreta, não poucas vezes, contradições que muito provavelmente só serão ultrapassadas com um confederalismo protetor das identidades locais e num progressivo esforço de construção de um espaço público europeu onde uma cidadania “pós-nacional” seja clara sem ferir as marcas antropológicas e congénitas de cada um dos Estados Membros. A este propósito, o “arrumar a casa” para efeitos da emergência de “nacionalismos regionais”, como a Catalunha, só se fará numa lógica de compromisso federal – ante o Estado Nacional – e Confederal – ante Bruxelas. A maior dificuldade, num quadro democrático, será a de suster os populismos extremistas e ultrapassar os efeitos da sub – representatividade, uma vez que, a legítima conexão entre eleito e eleitor dada a heterogeneidade da “polis europeia” tende a desligar o cidadão europeu do seu “soberano”.

O ensaio de legitimação nas últimas eleições para o Parlamento Europeu de acoplar o Presidente da Comissão (Junker à direita e Schultz à esquerda) foi ainda tímido e não espoletou essa chama; por um lado porque a amálgama ideológica que se encontra nos “guarda – chuvas” das famílias políticas europeias é ainda preocupante, se atendermos – por exemplo – que o PPE alberga no seu seio um partido que governa claramente nos antípodas da mais elementar tradição democrática, como o húngaro, sendo que a Polónia também merece observação. E este “desligar” não se cinge somente ao “fazedor”, mas também ao que é feito, i.e., o propalado “projeto europeu”; terá sido ao acaso que – pese embora a emenda do Tratado de Lisboa – falhou o referendo constitucional? Ou que o Povo Grego legitimamente se manifestou e se opôs a decisões “violentas”, dado o seu problema de dívida soberana, tomadas em reuniões informais de quadros não eleitos que vão definindo a linha financeira da Europa? Isto para além deste quadro eletivo parlamentar servir, ainda, em muitos casos para o “check – balance” da “governança nacional” o que retira o verdadeiro ênfase a uma estrutura que já representa – na decisão – muito do nosso quotidiano.

O que aconteceu com o Brexit merece uma reflexão profunda; se podemos aventar para uma veia proto-populista dos mentores da saída, não é de descurar que a eminente subjugação da maioria dos países ao eixo franco-alemão (mais alemão que franco), levou a reservas fundamentadas do povo

---

<sup>21</sup> Quadros, F. D. (2004). *Direito da União Europeia*. Coimbra: Almedina.

inglês e coloca agora um desafio ainda maior na reconfiguração do puzzle geopolítico do “Velho Continente”.

Para além disto, a Europa confronta-se com um problema migratório, que se foi tornando “silencioso”, mas que existe, cuja indefinição acalenta preocupações acrescidas a adensar esta falta de assertividade política. Num outro quadro, a decisão a tomar seria a de “sim ou não à receção de migrantes, que ademais poderiam solver a demografia “grisalha” da Europa?” “Que multiculturalidade ou políticas que permitam uma aproximação antropocultural (religiosa – neste caso mais ecuménica - também subentendida) que possam gerar oportunidade de surgimento de novas franjas miscigenadas que tragam uma diversidade “policromática” e genética além da consanguinidade tradicional e que nos afrente com novos olhares sobre o panorama sociopolítico numa era globalizada?” “Que conceito estratégico transnacional no âmbito das relações externas que permita um caminho concomitantemente de paz e prosperidade económica?” “Com que quadro ideológico podemos contar – já que ainda não saímos (apesar da “geringonça”) da era do “inevitabilismo” – quando a suposta realidade “mete ao bolso” qualquer pensamento programático – doutrinário que fuja do atual “status quo” financeiro perfeitamente “sacralizado”?” “Há ainda espaço para a discussão de um novo “contrato social” globalmente europeu que traduza as aspirações dos povos na paz e no regular funcionamento do “elevador social”?” Estas são questões que, estou certo, não são só minhas, mas que se afiguram como centrais se atendermos aos desafios com que a Europa se depara<sup>22</sup>. Podemos, a partir delas, redesenhar um quadro sociopolítico que acomode as tensões que se averbam neste perímetro geográfico encontrando respostas que salvaguardem o essencial do modelo social europeu e do projeto de paz que outrora uniu várias potências.

É para mim evidente que o campo da Filosofia Política desempenha um papel fundamental neste exercício prospetivo ao qual deve ser convocada a História para que qualquer edifício que venha a ser idealizado acomode sem ressentimentos fragilizadores um caminho de futuro onde todos se sintam legitimamente representados, salvaguardados na identidade e que – ao invés de afastar – possa agregar novos países que se disponham a um projeto de desenvolvimento social e humano que seja farol para todo mundo.

---

<sup>22</sup> Moreira, A. (2013). *Memórias do Outono Ocidental - Um Século sem Bússola*. Leya



## **OBSERVATÓRIO POLÍTICO**

Rua Almerindo Lessa  
Pólo Universitário do Alto da Ajuda,  
1349-055 Lisboa  
Tel. (00351) 21 361 94 30  
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

COUTINHO, Orlando «Europeísmo e “soberania complexa”»: uma abordagem sintética a partir do pensamento de Peter Sloterdijk», *Working Paper #77*, Observatório Político, publicado em 12/12/2017, URL: [www.observatoriopolitico.pt](http://www.observatoriopolitico.pt)

### **Aviso:**

Os *working papers* publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.